

# *Em cena*

## Psicodrama público contemporâneo

VALÉRIA BARCELLOS  
MARIANA KAWAZOE  
(orgs.)



*EM CENA*

*Psicodrama público contemporâneo*

Copyright © 2024 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Preparação: **Samara dos Santos Reis**  
Revisão: **Michelle Campos**  
Capa: **Delfin [Studio DelRey]**  
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**  
Diagramação: **Natalia Aranda**

## **Editora Ágora**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
<http://www.editoraagora.com.br>  
e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

Dedico esta publicação à inspiradora Marisa Greeb, mestra e pioneira que em 2001 realizou 600 psicodramas públicos simultâneos em todas as regiões da cidade de São Paulo — movimento “Feliz Cidade”, do qual tive a honra de participar em uma direção de psicodrama.

Ao movimento psicodramático nacional e internacional, que por meio da comunicação virtual pôde expandir suas fronteiras. A toda a Comissão Organizadora do 14º Congresso Brasileiro e Iberoamericano de Psicodrama, ocorrido em 2023 em Florianópolis (SC), que “comprou” e apoiou a ideia maluca de transformar o parque em palco.

Dedico à coordenação do Psicodrama Público de São Paulo, que hoje se reúne virtualmente, pelas múltiplas parcerias e trocas de sabedoria. Aprendizado inesgotável!

VALÉRIA BARCELLOS

Dedico este livro a todos os psicodramatistas, estudiosos de grupos e da sociedade. A pessoas que se interessam pelo bem coletivo e ainda têm esperança de que o mundo se torne um lugar melhor para viver, buscando a paz através das semelhanças e diferenças, concórdias e discórdias, convergências e divergências, com espaço aberto para o diálogo e a inclusão.

Dedico também à minha amada mãe (*in memoriam*), que me ensinou a ser uma boa pessoa, aceitando as minhas qualidades (nem tanto) e os meus defeitos (muitos); ao meu pai, que me ensinou disciplina e dedicação; ao meu irmão, que me ensinou a enfrentar o melhor e o pior; e ao meu amado filho, Victor, que tem muita paciência comigo!

MARIANA KAWAZOE

# Sumário

|   |    |
|---|----|
| Prefácio . . . . .  | 9  |
| <i>Cida Davoli</i>  |    |
| Apresentação . . . . .  | 11 |
| <i>Valéria Barcellos e Mariana Kawazoe</i>  |    |
| 1. A dança das nossas histórias . . . . .   | 17 |
| <i>Cristiane Tavares Romano e Lucio Guilherme Ferracini</i>   |    |
| 2. Desenvolvendo competências para os desafios atuais . . . . .   | 25 |
| <i>Maria Cecília Veluk Dias Baptista</i>  |    |
| 3. Travessia para a ponte. . . . .  | 33 |
| <i>Adriana Piterbarg, Graciela De Luca e Elvi Ríos</i>  |    |
| 4. A ponte e as pontes . . . . .  | 43 |
| <i>Antonio Carlos Souza (Tom), Camila Tyrrell Tavares e Blévio Zanon</i>  |    |
| 5. Ponte: ligando o que a quê? . . . . .  | 53 |
| <i>Márcia Pereira Bernardes</i>   |    |
| 6. Psicodrama público “Pontes: o seu olhar em mim” . . . . .  | 65 |
| <i>Maria da Penha Nery, Laura de Souza Z. Vomero, Jair Meller Cardoso, Thayse Elis Salvalagio, Alyson Ryan Rocha, Mariana Tornelli de A. Cunha e Claudio Augusto Ferreira</i> |    |

|  |    |
|--|----|
| 7. Instalação Spinoza: uma máquina de<br>criação contemporânea . . . . . | 83 |
| <i>Carmen De los Santos</i>  |    |
| 8. Roda de sonhos: uma tecnologia ancestral e coletiva . . . . .         | 99 |
| <i>Pedro Mascarenhas</i>   |    |

# Prefácio

O *psicodrama público*, originalmente criado por Moreno no início do século 20, em Viena — assim como os psicodramas públicos que começaram a ser realizados no Brasil em meados dos anos 1980, tempo da redemocratização —, tem uma longa história. Já o “Em Cena” está presente entre nós desde o início do século 21.

Como dizem as organizadoras desta obra, “o ‘Em Cena’ é uma modalidade dos congressos de psicodrama na qual psicodramatistas dirigem, de maneira aberta e livre, uma atividade voltada para o público geral em espaços da cidade em que acontece o congresso — por exemplo, escolas, associações, parques etc. É o psicodrama *in situ*”.

Assim, este livro traz experiências de diferentes “Em Cena” empreendidos no 14º Congresso Iberoamericano de Psicodrama, realizado no Parque da Luz, em Florianópolis, no ano de 2023.

A experiência psicodramática é única. Contá-la é traduzi-la da linguagem dramática para a linguagem escrita ou oral, o que os autores fazem com maestria. Os textos aqui presentes abrem novas perspectivas, que podem enriquecer o fazer/entender sacionômico, criando conhecimentos.

O conceito dialético de “adaptação ativa”, proposto por Pichon Rivière, preconiza que, à medida que o sujeito se transforma, ele modifica o ambiente e, ao fazê-lo, modifica a si mesmo. Trata-se de uma concepção preciosa para o dispositivo psicossociodramático e para os sociodramas encenados em praça pública.

São diferentes relatos, diferentes experiências profissionais, diferentes pontos de partida, diferentes percursos, assim como pontos de

chegada aleatórios. Histórias sem fim, perguntas e respostas que se encontram, em um ir e vir infinito...

Mas por que fazemos sociopsicodramas públicos em espaços públicos e abertos? Para levar às pessoas, sejam elas psicodramatistas ou não, a oportunidade de compartilhar experiências, sentimentos, emoções, medos... Para nos ajudar a resgatar o que há de comum em nós. E, ainda, para salvaguardar e exercer nossa cidadania.

Em algumas cenas protagônicas, o tema da morte se apresenta. Seria uma coincidência termos como cenário um antigo cemitério?

Mais algumas perguntas surgem em minha mente: qual é o limite da diretividade do diretor? O inesperado modifica o rumo da direção? As mais diversas competências/faltas seriam diferentes se estivessem articuladas a um espaço privado? E mais: que medos teríamos ao dirigir um sociopsicodrama público aberto sem tema preestabelecido? Que cenas surgiriam?

Convido os leitores a mergulharem neste livro necessário e democrático num tempo em que os fascismos e o individualismo ameaçam a existência de tantos. Viva o comum! Viva o psicodrama!

CIDA DAVOLI

# Apresentação

*Este livro foi* organizado por duas psicodramatistas: Valéria, que idealizou e coordenou o “Em Cena” no Congresso Iberoamericano de Psicodrama, ocorrido em 2023 em Florianópolis (SC), estando presente em quase todas as atividades aqui relatadas; e Mariana, que não participou do congresso, mas esteve presente por meio da imersão na leitura dos relatos das atividades.

O “Em Cena” é uma modalidade dos congressos de psicodrama na qual psicodramatistas dirigem, de maneira aberta e livre, uma atividade voltada para o público geral em espaços da cidade em que acontece o congresso — por exemplo, escolas, associações, parques etc. É o psicodrama *in situ*.

Também é um teatro espontâneo aberto ao público, uma “ágora”, uma praça, um espaço aberto para que as pessoas se manifestem, expressem suas alegrias, seus conflitos e descontentamentos. Um lugar de resistência onde se exerce a cidadania. O cidadão é um interlocutor ativo, que pode falar, ouvir e ser ouvido.

A palavra “teatro” significa “lugar onde se assiste a um espetáculo”. Assim, falamos de um espaço físico para o ator (palco) e para o público (plateia). Atores e plateia estabelecem trocas. A plateia costuma manter uma postura passiva, como o telespectador que, em frente à TV, não participa da ação. No final, o público se manifesta, seja aplaudindo, seja vaiando, seja mantendo a neutralidade. Tudo no momento certo e cada um em seu papel e função.



Em 1944, Jean-Paul Sartre<sup>1</sup> — que desempenhava, entre outros papéis, o de dramaturgo — escreveu o roteiro da peça “Entre quatro paredes”. A comédia mostra as relações entre quatro personagens que vivem num mesmo cômodo, que não tem janelas nem portas. Confinados nas tais “paredes”, tais personagens experimentam em ação os conflitos oriundos das dores e delícias de ser quem que são. Enlouquecem juntos.

Na mesma época, Bertolt Brecht<sup>2</sup> propôs o ato de “derrubar a quarta parede”, que significa abrir a cortina (“erguer o pano”) para dar visibilidade à peça. Trata-se de compartilhar a ação teatral com o público. A peça acontecia quando se levantava uma cortina lateral, o que promovia uma visão geral do que estava acontecendo. Assim, “quebrar a quarta parede” é eliminar a divisão entre público e atores, de maneira que todos interajam.

Entre 1909 e 1911, Jacob Levy Moreno promoveu um teatro da espontaneidade com crianças nos jardins de Viena, contando histórias. Ali desenvolveu o interesse pela criatividade e espontaneidade humanas.

Voltando a 2023, uma visita técnica ao hotel escolhido para o congresso foi reveladora. Em frente a ele situa-se o Parque da Luz, local encantador e propício para transformar parque em palco, em espaço do “Em Cena”!

Depois disso, nos empenhamos em conseguir da prefeitura de Florianópolis autorização para montar ali uma tenda por três dias consecutivos. A organização do congresso entrou em contato com a Associação dos Amigos do Parque da Luz, que prontamente apoiou a

1. Jean-Paul Sartre foi uma das figuras que mais contribuíram para a formação do pensamento e da filosofia contemporâneos. Figura irreverente, tem extensa obra escrita em prosa, composta por ensaios e tratados filosóficos, romances, peças de teatro e roteiros para o cinema.

2. Eugen Berthold Friedrich Brecht (Augsburgo, Alemanha, 1898-1956) foi um importante dramaturgo alemão do século 20. Criador do teatro épico, sua obra visava esclarecer as questões sociais da época.

proposta. Em julho de 2023, e depois de 15 insistentes visitas à prefeitura, Andréa Schlösser conseguiu a licença para montar a tenda e instalar caixas de som e microfones no local.

Um novo desafio surgiu: quem teria experiência com grandes grupos e a ousadia necessária para encarar a proposta de dirigir psicodramas em um espaço aberto? Outro processo se iniciou e desfilaram lembranças de nomes e mais nomes de profissionais com tal destreza. O pré-requisito para convidá-los era a experiência com grupos grandes e com o psicodrama público, pois não se sabia quem iria participar. A plateia — composta tanto pelos congressistas quanto pelos habitantes da cidade — seria mutante.

Assim, convidamos diretores brasileiros de São Paulo (SP), Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Brasília (DF), bem como profissionais de Buenos Aires (Argentina) e Montevídeu (Uruguai).

Uma tenda, 40 cadeiras, microfones e caixas de som ocuparam a grama, a natureza. Diretores, equipe de egos auxiliares e plateia se relacionaram, trocaram experiências, vivências e sabedoria, horizontalizando as relações. Todos se amalgamaram, tornando-se um grupo que, em unísono, somou desejos, ações e produções na construção coletiva do conhecimento.

Algumas adversidades surgiram, como o imprevisível clima em setembro, mês em que em Florianópolis começa a soprar o vento sul, trazendo chuva e frio. Inventar uma sala do congresso ao ar livre teria seus desafios e intempéries.

Um parque, uma praça e o contato direto com a natureza integraram e ensinaram. Ali, real e imaginário se entrelaçaram, formando uma teia, unindo passado e presente. Essa é a mágica do psicodrama.

Convidamos os leitores a passear conosco no mundo do teatro e de suas histórias, a entrar na dança circular, deixar seu corpo ser levado pelo movimento grupal; refletir sobre suas potências e competências para lidar com os (muitos) desafios da atualidade; atravessar pontes, brincar com os macacos, abraçar árvores e admirar

os cachorros, sentir a troca de presentes (com quem você quiser); ouvir cada canção que conduziu o grupo e, ao final, se sentir parte dos Saltimbancos.

Que tal mergulhar na história das pontes de Florianópolis, tentando se identificar com a “ilha”, a “ponte” ou o “continente” e se chocar com a recusa de alguns em aceitar os diferentes? Entrar em contato com a natureza oferecida pelo parque e com as propostas diferentes de cada diretor/a? Receber a generosidade de uma diretora experiente ao oferecer o espaço para novos diretores experimentarem e ousarem? Entrar no jogo das cadeiras da Instalação Spinoza, imaginando que diálogo você manteria e com quem — fazendo a ponte com o 13<sup>a</sup> Congresso Brasileiro e Iberoamericano de Psicodrama, que teve de ser virtual por conta da pandemia, e se dar conta de que, assim como os vagalumes, quase extintos, podemos estar deixando coisas para trás? E, finalmente, viajar na roda de sonhos dentro da multiplicação dramática, conectando-se com algo seu — talvez um luto, que vai aparecendo nas histórias dramatizadas e nos leva a pensar que Moreno tinha razão ao dizer a Freud que ele ajudou as pessoas a voltarem a sonhar.

É interessante a forma como alguns autores colocaram suas vivências, caracterizando-as como “experiências” criadas com base no que lhes era apresentado no momento, fosse a partir do que o ambiente proporcionava (árvores, macacos, cachorros, pedras, chuva, sol...), fosse pela reação das pessoas (corpo em movimento, um olhar, uma fala, uma música...). O que nos leva a lembrar que um psicodrama é sempre uma experiência única, nunca se repete!

Sentimo-nos imensamente honradas por convidar os leitores a passear conosco no Parque da Luz. Convidamos vocês a tecer uma passagem transformadora de aproximação coletiva e auto-organizadora sociometricamente. O psicodrama público é a construção coletiva do papel de cidadão social e político. Compartilhamos com vocês um passeio pela dramaturgia do “Em Cena”, na qual não existe autor, ator nem espaço configurado. Existe o coletivo!

Venham “presenciar” o resgate da essência do psicodrama — o teatro da espontaneidade —, que foi criado e construído por todos de forma espontâneo-criativa *in loco*. O processo permitiu que diretores também experimentassem outros lugares e papéis durante esses encontros, que pessoas que não conheciam o psicodrama viessem a fazê-lo, que crianças e até cachorros compusessem o cenário — bem à moda de Moreno, incluindo a todos.

O “Em Cena” no Parque da Luz aconteceu sob a direção de oito diretores em 16 horas de psicodrama público ao ar livre. Um evento histórico, e o primeiro no mundo com essas características.

VALÉRIA BARCELLOS e MARIANA KAWAZOE

# 1. A dança das nossas histórias

*Cristiane Tavares Romano*

*Lucio Guilherme Ferracini*

## Introdução

Fomos convidados por Valéria Barcellos para realizar a abertura do “Em Cena” do 14º Congresso Iberoamericano de Psicodrama, que aconteceu em Florianópolis, Santa Catarina, em setembro de 2023.

O espaço reservado para tal evento era nada mais, nada menos que o parque localizado em frente ao hotel-sede do congresso. Um lugar especial, muito arborizado, cheio de vida, bem diferente do que antes fora. Segundo moradores da ilha, o local passou muito tempo abandonado, pois era uma área evitada por causa da violência e do descaso que se instalaram após a retirada do antigo cemitério público dali. Quem não conhecia essa história se espantava, já que nada remetia a esse passado — a não ser um discreto totem localizado numa das entradas do hoje chamado Parque da Luz.

Esse local foi escolhido pela organização do congresso por vários motivos. Primeiro, por se tratar de um espaço aberto, que uniria os congressistas — que passariam horas dentro das salas de eventos — aos frequentadores do parque. Aquele era o lugar ideal para unir os dois públicos; ali, eles poderiam interagir e integrar realidades diferentes. Além disso, a participação nesses encontros beneficiaria a população local, e os congressistas poderiam usufruir de um lugar amplo, em contato com a natureza. Assim, o objetivo era criar uma ponte que integrasse o congresso e a ilha.

Nossa equipe era composta por seis pessoas: Lucio Guilherme Ferracini (diretor); Cristiane Romano (focalizadora da dança circular); e